

1126

F

ex.2

IO DA EDUCAÇÃO

F FACULDADE DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS DO PARÁ

A EDUCAÇÃO AGRÍCOLA SUPERIOR E AS NECESSIDADES DO DESENVOLVIMENTO RURAL DOS PAÍSES DA AMÉRICA LATINA

**(Mesa Redonda Internacional realizada em Honduras, sob o
Patrocínio da FAO, no período de 03 a 07/08/87)**

**Documento apresentado pelo Prof. ANTONIO CARLOS ALBÉRIO
Presidente da Associação Brasileira de Educação Agrícola Superior
(ABEAS)**

**BELÉM
1988**



A EDUCAÇÃO AGRÍCOLA SUPERIOR E AS NECESSIDADES DO DESENVOLVIMENTO RURAL DOS PAÍSES DA AMÉRICA LATINA

(MESA REDONDA INTERNACIONAL, REALIZADA EM HONDURAS, SOB O PATROCÍNIO DA FAO, NO PERÍODO DE 03 A 07.08.87)

Documento apresentado pelo Prof. ANTONIO CARLOS ALBÉRIO Presidente da Associação Brasileira de Educação Agrícola Superior (ABEAS).

FACULDADE DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS DO PARÁ
BIBLIOTECA

FOLH
1126
ex. 2

1126
F. 2

BELEM
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FACULDADE DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS DO PARÁ
1988

NS: 7287

A EDUCAÇÃO AGRÍCOLA SUPERIOR E AS NECESSIDADES DO DESENVOLVIMENTO
RURAL DOS PAÍSES DA AMÉRICA LATINA

S U M Á R I O

	P.
1 - PROLEGÔMENOS	3
2 - EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO RURAL	4
3 - O PROFISSIONAL DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS	7
4 - ESTRATÉGIA DE AÇÃO	12
5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	15
6 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	19

A EDUCAÇÃO AGRÍCOLA SUPERIOR E AS NECESSIDADES DO DESENVOLVIMENTO RURAL DOS PAÍSES DA AMÉRICA LATINA

Antonio Carlos ALBERIO

Engenheiro Agrônomo, M.S., Diretor
da Faculdade de Ciências Agrárias
do Pará(FCAP), Presidente da Associação
Brasileira de Educação Agrícola
Superior(ABEAS).

Virgilio LIBONATI

Engenheiro Agrônomo, Prof. Titular e
ex-Diretor da FCAP.

RESUMO: O pleno sucesso dos modelos de desenvolvimento rural está na dependência de recursos humanos, principalmente os de nível superior, o que destaca a importância da formação de profissionais de ciências agrárias, como agentes de ação e de mudanças no meio rural dos países da América Latina. De modo particular para o Brasil, a educação agrícola superior exerce papel relevante na formação de técnicos capazes de transformar a agricultura em empreendimento ecologicamente estável, economicamente rentável e socialmente justo. O desenvolvimento rural dos países da América Latina tem de ser considerado como processo de aplicação de medidas adequadas para aproveitar melhor os recursos naturais e humanos; que responda às exigências de alcançar a máxima eficiência econômica como meio para lograr a justiça social. O grande problema que a política para o desenvolvimento rural, econômico e social das nações latino-americanas é definir o tipo de educação que deve ser oferecida, capaz de sintetizar um NOVO-HOMEM que sendo força de trabalho é ser social, recursos para o desenvolvimento e pessoa humana. Tal educação não deve se constituir uma oposição entre tecnologia e humanismo, mas sim, uma intercomplementariedade em busca de um novo humanismo que integre, em um todo coerente, a formação cultural, científica e tecnológica, além de uma aplicação social e econômica. O profissional de ciências agrárias terá de ser um agente de mudanças que atuará nos mais diversos setores da sociedade, enfrentando e tendo de se adaptar à ação em variadas camadas sociais, desde a sociedade campestre até às altas estruturas organizacionais dos governos, sendo-lhe necessário o conhecimento tecnológico, mas também ter cultura humanística. Que tipo de profissional é preciso formar? A resposta demanda apurado estudo que abrange desde os interesses governamentais até os interesses pessoais dos que labutam na sociedade campestre. No Brasil, o assunto foi grandemente debatido, concluindo-se que a formação deve ser aberta, não-terminada, ou seja, um profissional treinável para qualquer função. Opinou-se por profissional eclético que atenda à realidade nacional. Seminário realizado em Viçosa, 1982, concluiu que se deve formar profissional para o trabalho, que é diferente do emprego ou serviço. Concluiu mais que o profissional de ciências agrárias deve ter formação eclética, com sólido conhecimento das ciências básicas e ênfase nas áreas de conhecimento social, de modo a tornar o exercício profissional mais abrangente, possibilitando atuações em várias opções no mercado de trabalho. Ressalte-se a importância de dar maior valor ao profissional de ciências agrárias, através de melhor espírito

de classe e o desenvolvimento de um crescente sentido de respeito e responsabilidade profissional, sendo necessário um diálogo contínuo e permanente do técnico com o produtor, com vistas a criar na agricultura, um núcleo profissional com uma nova visão da realidade agrícola, e especialmente do papel do produtor rural no processo de mudança dessa realidade. O processo educativo de formação de profissionais de ciências agrárias deve ter como objetivo educacional a síntese de um profissional com capacidade para mudar a sociedade campestre, dentro de objetivos sociais, econômicos, políticos, culturais e ecológicos. É necessário cessar a formação de profissionais apenas para o setor da agricultura do tipo comercial, devendo o processo educativo também envolver, no mesmo homem, a capacidade para atender à agricultura de baixa renda, sendo necessário proporcionar ao profissional em formação oportunidade de conhecer a realidade rural em que deverá exercer sua profissão. A superação do subdesenvolvimento rural dos países da América Latina torna-se cada dia mais urgente suscitando encontrar meios que eliminem as situações de miséria, subconsumo e marginalização, incompatíveis com a evolução cultural da humanidade e as possibilidades ofertadas pelo conhecimento científico-tecnológico. No processo de superação do subdesenvolvimento, a educação agrícola superior desempenha importante papel como propulsora do desenvolvimento rural, devendo atender aos propósitos de uma educação libertadora, que leve ao diálogo, à criatividade e à compreensão de todos os aspectos da vida integral das comunidades rurais dos países da América Latina.

A EDUCAÇÃO AGRÍCOLA SUPERIOR E AS NECESSIDADES DO DESENVOLVIMENTO RURAL DOS PAÍSES DA AMÉRICA LATINA

1 - PROLEGÔMENOS

O caminho a ser seguido pelo Brasil em busca do desenvolvimento impõe a realização de uma série de tarefas dirigidas à efetivação de importantes marcos na trajetória econômica do País. Os indicadores de perspectivas, previstos nos Planos Nacionais de Desenvolvimento, revelam a necessidade de uma concentração de esforços, principalmente no setor agro-silvo-pastoril, que se destaca entre os mais promissores para o crescimento econômico e social. De fato, no contexto atual e futuro, este setor assume importância primordial para o País, que dele passa a exigir um maior desempenho no âmbito do processo desenvolvimentista. É reconhecido, porém, que o pleno sucesso dos modelos rurais de desenvolvimento está na dependência da disponibilidade de recursos humanos, destacadamente os de nível superior, na qualidade e quantidade demandadas, que se avolumam com o decorrer do tempo. Assim, a formação de recursos humanos qualificados constitui-se condição básica para o crescimento sócio-econômico das sociedades rurais e, logicamente, para todo o processo desenvolvimentista nacional. É pois bastante clara e compreensível, considerando o contexto do crescimento das nações Latino Americanas, a importância do técnico em ciências agrárias, qualquer que seja o nível de ensino, como agente de ação e de mudanças, talvez com maior porcentagem de participação em termos profissionais, afirmativa justificada pela amplitude da área profissional que abarca grandes especializações no campo das ciências agrícolas e naturais.

Justifica-se, pois, sem dúvida, reunião como a que agora se realiza, já que favorecerá os movimentos tendentes a estabelecer uma associação e interação internacional na América Latina, com um sentido permanente e que não se limite a uma motivação relacionada

com o simples desejo platônico de estudar transformações a introduzir nos sistemas de educação agrícola superior de cada nação. Se o desenvolvimento rural é o objetivo colimado, é preciso lutar por ele, e, nesta luta, as instituições universitárias formadoras de técnicos em ciências agrárias são de grande importância como produtoras e transmissoras de novos conhecimentos, como núcleos multiplicadores da cultura, da ciência, da educação, da tecnologia e do bem-estar social.

O Brasil tem dimensões continentais e nele a agricultura tem um papel preponderante, tanto quanto em outros países da Latino-América. Assim, fora de qualquer dúvida, preparar profissionais aptos a exercer funções adequadas à realidade brasileira é o grande desafio que se apresenta às instituições universitárias. Com um território a 8,5 milhões de quilômetros quadrados e população de 130 milhões de habitantes, é do setor agrícola que se espera a solução de grande parte dos problemas sociais internos, como a carência de alimentos e de outros bens de consumo, bem como dos problemas da dívida externa que supera a 100 bilhões de dólares. Assim, para o Brasil, a educação agrícola superior exerce papel de enorme relevância na formação de técnicos que possam ser recrutados para o desencadeamento da modernização do setor agrícola, de modo a que a agricultura no Brasil seja, de fato, ecologicamente estável, economicamente rentável e socialmente justa.

2 - EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO RURAL

O desenvolvimento rural dos países da América Latina tem de ser considerado como processo sistemático de aplicação de medidas adequadas para aproveitar melhor os recursos naturais e humanos, que responda às exigências de alcançar a máxima eficiência econômica como meio para lograr a justiça social. No entanto, o conceito que se tem de desenvolvimento rural não parece coerente com os supremos valores do ser humano: a dignidade, a justiça e a liberdade. A realidade é que o modelo que preside a maioria das ações governamentais provém de sociedades que alcançaram um altíssimo grau de desenvolvimento material, mas que não souberam lograr a justiça e assegurar a paz (2). Confunde-se meio com fim. Busca-se o desenvolvimento como objetivo final, sem considerar que ele é, em si mesmo, meio para alcançar o bem-estar social. Por outro lado, o crescimento econômico, o avanço material e o progresso tecnológico

devem ser encarados como instrumentos para alcançar o desenvolvimento, o qual deve ser entendido como o adiantamento integral - físico, moral e cultural - da pessoa humana. Envolve um conjunto de fatores sociais, culturais, políticos e psicológicos, que a longo prazo são mais importantes que os fatores puramente econômicos (2). Ao nosso ver, a atenção que se dá a estes fatores no desenvolvimento rural da América Latina é muito restrito. Avalia-se o ser humano pela sua capacidade de produzir, e se classifica o grau de avanço do país exclusivamente em termos de sua contribuição à renda nacional. É pois necessário entender que no conceito de desenvolvimento rural devem estar incluídas a importância decisiva do fator social e a necessidade de incorporar a comunidade, destacadamente a técnico-científica, no jogo de decisões sobre a vida nacional. Na concepção do desenvolvimento rural é preciso ficar sumamente claro que a tecnologia moderna oferece alternativas para se conseguir modificar o comportamento das plantas, do solo, dos animais e da água, o que torna a tarefa fácil; mas não é fácil mudar o modo de ser de milhares de seres humanos que dependem da agricultura. A verdade é que na prática, salvo contadas exceções, a vontade de mudança, que subentende necessariamente a resolução política para buscar o verdadeiro desenvolvimento humano, parece todavia adormecida, se não ausente da cena rural.

Não é sem razão que Pierre Furter, perito da UNESCO, define educação como: "Presença atenta da geração anterior para permitir a nova geração afirmar-se nas suas plenas possibilidades". Assim concebida, a educação ganha o significado de equipamento mental que arma o homem para ação sobre a natureza, permite sua aglutinação em grupos capazes de ação conjunta e proporciona uma explicação emocionalmente satisfatória do ambiente em que vive e do lugar que ocupa nesse ambiente (5). Assim é que se deve entender a educação agrícola com vistas ao desenvolvimento rural dos países latino-americanos.

O grande problema que a política para o desenvolvimento econômico e social das nações suscita é este: que tipo de educação deve ser oferecida aos latino-americanos de hoje, com vistas a construir o futuro das nações desenvolvidas? É evidente que a resposta guarda conotação com os objetivos que a política de desenvolvimento pretende alcançar. Não obstante, qualquer que seja esta política, ela não pode estar divorciada da finalidade de alcançar o bem-estar do homem nas suas diferentes dimensões e aspirações. É o homem o alfa e o ômega, o princípio e o fim, o motivo de inspiração e o produto final do processo desenvolvimentista (6).

Resta no entanto uma pergunta. Como será possível compatibilizar a função até certo ponto tradicional da educação, qual seja a função humanizadora, com a que o processo desenvolvimentista espera, ou seja, a do homem essencialmente tecnológico? Como juntar estas duas funções conjugando-a em um mesmo ser humano? Conclui-se que a educação tem que sintetizar um NOVO-HOMEM, o homem integral, que sendo força de trabalho é ser social, recurso para o desenvolvimento e pessoa humana. Tal missão se constitui um desafio de engenharia humana, principalmente para os professores que labutam em estabelecimento de ensino formador de técnicos, onde a educação que deve ser oferecida com vistas ao desenvolvimento, não deve visar se constituir uma oposição entre tecnologia e humanismo, mas, sim, uma intercomplementariedade em busca de um novo humanismo que integre, em um todo coerente, a formação cultural, científica e tecnológica, além de uma aplicação social e econômica (5).

O fato é que a educação, destacadamente a agrícola, não tem ocupado o lugar que merece na trajetória em busca do desenvolvimento. As instituições universitárias têm sido pouco ou nada consultadas e ouvidas, demonstrando a pouca eficácia que têm alcançado os esforços dispersos realizados para superar o problema. Esta situação só será resolvida quando forem adotadas estratégias de conjunto, resultados de decisão política que enfoquem a educação como um dos instrumentos para superar o subdesenvolvimento. Isto quer dizer que qualquer plano isolado para resolver esta problemática correrá o risco de ser estéril, se não se verificar uma mudança em todos os níveis que institucionalizem os aspectos vivenciais da educação, acordantes com as necessidades regionais e o desenvolvimento tecnológico, econômico e científico da época atual.

As instituições universitárias, que formam técnicos para o setor agro-silvo-pastoril, devem oferecer uma educação que não seja uma simples transmissora de idéias. Fundamentalmente deve educar o futuro técnico para que tome consciência da realidade regional em que vive, dos problemas da agropecuária, de sua própria capacidade, para que desenvolva sua habilidade mental e física; para que se capacite em seu trabalho e ocupação; para que participe ativa e conscientemente na vida de sua comunidade, e para que contribua ao desenvolvimento econômico e social; portanto, deve dar uma formação que coloque o educando em condições de prosseguir até outros níveis mais avançados, quer culturalmente, quer cientificamente, quer profissionalmente (3). Cabe dizer que esta visão da educação se integra nos objetivos econômicos, políticos, sociais e culturais que logrem a uma mutação social da América Latina.

3 - O PROFISSIONAL DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS

Como então definir o profissional de ciências agrárias?

Parece que qualquer definição pecará mais por falta do que por excesso. Não obstante, é consenso geral que o profissional de ciências agrárias é o graduado de nível superior que, conhecedor das ciências agrícolas, pastoris e florestais, tem condições de solucionar problemas relacionados com estas ciências, de modo a promover o setor agro-silvo-pastoril, favorecendo melhor produção em quantidade e qualidade, por menor preço e em menor tempo e com menor desgaste do ambiente, ou seja, produzir o máximo destruindo o mínimo.

Ora, considerar a definição em questão é aceitar que o profissional de ciências agrárias terá de ser, em sua unidade profissional, sobretudo um agente de mudanças que atuará nos mais diversos setores da sociedade, enfrentando e tendo de se adaptar à ação em variadas camadas sociais, desde a sociedade campesina até às altas estruturas organizacionais dos governos estaduais e federal. Assim, ao profissional de ciências agrárias não é suficiente o assenhorar-se do conhecimento tecnológico, mas torna-se também necessário, em mesma prioridade, bastante dose de cultura humanística, sendo-lhe até mesmo indispensável o conhecimento do homem em si e de suas formas de comportamento.

Se assim define-se em sentido amplo o profissional de ciências agrárias, em sentido restrito, especificamente para o Brasil, tal profissional tem que ter ampliado este aparato de conhecimentos, frente à necessidade de ser também um acelerador do desenvolvimento em regiões ainda desconhecidas, em que a cada passo se encontra um segredo a desvendar, um problema a solucionar, o que demanda alta dose de invenção e criatividade, de modo a que a agropecuária não venha a ser aventura, mas sim empreendimento certo.

No entanto, a pergunta a fazer é esta: que tipo de profissional é preciso formar? Para o ensino? Para a pesquisa? Para a extensão rural? Para ser empresário? Evidentemente que a resposta demanda apurado estudo que abrange desde os interesses governamentais até os interesses pessoais daqueles que labutam na sociedade campesina. No Brasil, o assunto já foi sumamente debatido, tendo gerado diversas conclusões que culminaram com a reformulação curricular dos cursos de ciências agrárias, tendo o processo envolvido não só as instituições universitárias, como também o mercado de trabalho e as associações de classe. Vários encontros foram procedidos. O Ministério da Agricultura solicitou ao Ministério da Educação mais atenção quanto ao

ensino agrícola, especialmente quanto ao planejamento global da agricultura, envolvendo infra-estrutura, instrumentos de política agrícola, organização e formação social do agricultor, armazenamento, comercialização, abastecimento, enfatizando-se, ademais, o desenvolvimento rural e não somente o agrícola. No tocante ao perfil profissional do engenheiro agrônomo, especificamente, nenhum autor brasileiro quis afirmar categoricamente para que tipo de função é preciso formar o profissional de ciências agrárias. Admite-se que a formação deve ser aberta, não-terminada, ou seja, um profissional treinável para qualquer função. As entidades de classe opinaram por profissional eclético que atenda à realidade nacional. Em síntese, a tendência foi para formação aberta (9).

No seminário internacional sobre a Formação do Profissional da Área de Ciências Agrárias, realizado em Viçosa, 1982, ficou aprovada a tese de que na formação do profissional da área de ciências agrárias devem-se considerar: a) o profissional e o desenvolvimento econômico, social e político; b) desenvolver o senso crítico relacionado aos problemas nacionais como um todo, técnico, humanístico, social e político; c) colegiado de curso com visão objetiva do desenvolvimento rural; d) currículos dinâmicos; e) características regionais; f) o mercado de trabalho deve considerar os aspectos: filosofia do trabalho profissional, necessidades sociais da comunidade, diretrizes do trabalho no nível do governo.(9).

Dito seminário concluiu que se deve: "Formar o profissional para o trabalho, que é diferente de emprego ou serviço". Tanto o MEC quanto os órgãos de classe, conselhos profissionais, e os organismos internacionais são unânimes em suas conclusões ao afirmarem que o profissional de ciências agrárias deve ter: "formação eclética, com sólidos conhecimentos das ciências básicas e ênfase nas áreas de conhecimento social, de modo a tornar o exercício profissional mais abrangente, possibilitando atuações em várias opções no mercado de trabalho" (9).

As instituições de educação agrícola superior cabe, então, uma introspecção, no sentido de responder às seguintes perguntas: a) que profissionais estamos formando?; b) que profissionais desejamos formar?; c) que problemas os cursos de ciências agrárias que são ministrados apresentam em sua estrutura e funcionamento que prejudicam a formação de um profissional competente?; d) que recursos, capacidades, estratégias, podem ser mobilizados para se melhorar a qualidade dos cursos?.

Evidentemente o que se busca é lançar luz nos currículos e fornecer aos professores e alunos dos cursos a consciência da situação e a tomada de decisão sobre a necessidade de mudanças. Trata-se, pois, de uma tomada de consciência com vistas à formação de profissionais competentes que atendam às necessidades sociais do meio rural.

Entendida a educação como sistema, o profissional que sai das Universidades nada mais é que um dos produtos do sistema e que, como tal, tem seus padrões de profissionalismo na dependência da qualidade da matéria-prima que entra no sistema, ou seja, do indivíduo em si mesmo considerado nos seus conhecimentos, aptidões e motivações, bem como na qualidade do processamento, ou seja do currículo ao qual está subordinado, do corpo docente, da qualidade do ensino. Uma faculdade, onde são formados profissionais de Ciências Agrárias, antes de tudo deve ser encarada como um centro de aprendizagem do saber e do fazer, onde o estudante consegue uma formação profissional através do melhor saber básico.

Por outro lado, deve-se convir que um centro de formação de profissionais de ciências agrárias deve ser a sede onde se ofereça um real processo educativo. Nele não se formarão profissionais cujos conhecimentos profundos serão realmente postos ao alcance do bem comum. Deverão sair novos cidadãos movidos por atitudes ditadas por um idealismo consciente de suas obrigações. Assim, além da formação profissional, deve o Centro promover uma contínua conscientização do futuro profissional com referência aos objetivos da carreira que eleger cursar.

Hão de ser ingredientes fundamentais de um processo global de formação, alguns fatores relacionados com o estabelecimento de novas atitudes e maneira de ser e de pensar do futuro profissional de ciências agrárias, como segue: a) avidez de aquisição de novos conhecimentos; b) orientação metódica em todo o momento; c) desenvolvimento do pensamento criador original; d) atitude científica, tanto na observação e análise dos fenômenos, como na busca de soluções para os mesmos; e) incorporação do critério econômico, ecológico e social em todos os momentos, tanto na análise dos fenômenos, soluções de problemas, como no planejamento e execução de qualquer atividade; f) preocupação permanente pelos problemas da comunidade, especialmente aqueles que podem contribuir ao progresso mais rápido da comunidade rural; g) predisposição mental para o trabalho e para a ação concreta e afetiva(8).

Na agropecuária moderna, sobretudo científica, o Agrônomo, o

Engenheiro Florestal, o Médico Veterinário e demais profissionais aplicam seu engenho, seu talento, sua faculdade inventiva, ou seja, seu conhecimento técnico-científico para aumentar o controle sobre os fatores que afetam o crescimento das plantas e dos animais. Sob este aspecto, é importante considerar que o profissional de ciências agrárias: 1º) deve estar preparado para não só fazer distintos trabalhos, como também para indagar as causas dos fenômenos. Se não existe esta última qualidade, o profissional não será mais do que um técnico que sabe fazer, mas que nem sempre pode por si mesmo saber buscar o porquê; 2º) deve ter uma compreensão do significado de sua profissão e de suas implicações sociais e humanas, reconhecendo o valor de sua participação no processo de desenvolvimento regional e nacional; 3º) precisa estar consciente das características de sua profissão, de suas possibilidades como pesquisador, extensionista, educador, como profissional liberal, bem como de sua condição, bastante provável, de líder no seu campo de ação; 4º) deve estar consciente que a sua profissão requer uma ampla formação cultural, necessária, por sua vez, à formação dos valores que são básicos para lograr atitudes positivas e progressistas que resultem em avanço pessoal e coletivo, que se reflitam de imediato em toda uma comunidade.

O desenvolvimento rural é parte integrante do desenvolvimento social e econômico geral. Contribui de forma marcante a esse desenvolvimento, assegurando que seja verdadeiramente geral, englobando a uma grande maioria das pessoas que vivem da agropecuária e que continuarão cultivando a terra e criando animais durante longos anos. Assim, os técnicos em Ciências Agrárias são vetores do desenvolvimento econômico e social e peça de real importância nesse desenvolvimento, no verdadeiro sentido da palavra, que subentende a evolução com ordem, porque crescer desordenadamente é desintegrar. Não é possível esquecer que a velha ordem está desaparecendo e a nova está embrionária, e essas condições mutáveis são perigosas, podendo levar à desorganização. É quase certo que o futuro reserve para os povos da América Latina uma sociedade em ritmo acelerado de transformação, com o surgimento de nova ordem econômica, social e política.

Para tanto é necessário que as instituições universitárias, desde já, estejam formando pessoal habilitado para tal. Os Centros de Formação de Profissional de Ciências Agrárias na América Latina devem se ocupar atualmente em buscar melhor definição para o porquê de suas existências, uma identificação mais precisa de seus objetivos frente a uma sociedade em constante mutação e que vive em ambiente ecológico ainda pouco conhecido. Há pois que se intensificar a consciência des

ses Centros não sô como formadores de profissionais de ciências agrárias, mas, também, como produtores de novos conhecimentos, núcleos multiplicadores da cultura, da ciência, da educação, da tecnologia e do bem-estar social.

O principal papel dos Centros de Formação Profissional de Ciências Agrárias é o de educar, no sentido pleno da palavra, abrangendo pois as áreas intelectual, motora e afetiva. É iniciar os alunos no caminho da solução dos problemas relacionados com o setor agro-silvo-pastoril, dar-lhes um substrato inicial de conhecimentos e adestramento. Não deve empacotar os estudantes de conhecimentos superdetalhados que poderão ou não vir a ser necessários em anos posteriores. Necessário, sim, é aprender, é mudar formas de comportamento em relação a coisas relevantes, indispensáveis e necessárias. Esses centros devem ter interesse na prática de adestramento para a solução dos problemas da agropecuária tanto quanto no cuidado de ensinar o conhecimento em si mesmo, onde professores e alunos devem constituir uma comunidade de aprendizes. O corpo docente, necessariamente, deve interessar-se em aprender cada vez mais, de se atualizar, não só no conteúdo como em técnicas e processos de ensino, em conhecer os problemas da agropecuária regional e conduzir ou modelar esquemas de solução, para que assim possa, verdadeiramente, compartilhar com seus alunos a classe de educação que necessitam e que, acima de tudo, têm o direito de esperar.

Sem ter pretensão de ser preciso, poder-se-á propor as seguintes características para o profissional de ciências agrárias: inteligência prática; gosto pela convivência no meio rural; gosto pela pesquisa pura e aplicada; capacidade de concentração; comunicabilidade; facilidade de estabelecer contatos sociais; criatividade; gosto pelas coisas da natureza; sensibilidade para os problemas sociais.

Finalmente, é importante ressaltar a necessidade de dar maior esforço para valorizar o profissional de Ciências Agrárias, através da cristalização de um melhor espírito de classe e o desenvolvimento de um crescente sentido de respeito e de responsabilidade profissional. Daí a necessidade que tem o profissional de Ciências Agrárias, no dia-a-dia, cada vez mais se preocupar com os elementos de sua competência profissional, nos quais se destaca a necessidade de um diálogo contínuo e permanente do técnico com o produtor, abrindo assim novas possibilidades vivenciais da situação agropecuária para um grupo expressivo, criando-se, portanto, na agricultura, um núcleo profissional com uma nova visão da realidade agrícola, e especialmente do papel do produtor rural no processo de mudança dessa realidade.

4 - ESTRATÉGIA DE AÇÃO

É sumamente claro que a educação agrícola desempenha importante papel no processo de desenvolvimento rural, já que é o elemento fundamental de formação de recursos humanos qualificados para promover o desenvolvimento do setor agro-silvo-pastoril e a conseqüente transmutação deste setor em um adequado instrumento para o crescimento social da população rural. O desenvolvimento econômico-social de muitos países está ligado à produtividade desse setor, o qual é função de inúmeras variáveis, destacadamente das instituições encarregadas de promovê-lo, dos profissionais encarregados de seu avanço e dos agricultores que administram os meios de produção.

O setor agro-silvo-pastoril vem sofrendo os efeitos da falta de comunicação, fato que vem separando das instâncias do saber a grande maioria dos produtores, em conseqüência do baixo nível educacional, e tal ocorrência se acentua à medida que a ciência progride e a tecnologia se faz mais complexa, não porque esta se torne inaplicável, mas sim porque não funcionam os mecanismos de fluxo que adaptam as diversas camadas sociais, de acordo com a sua cultura e seus recursos.

O estado atual da educação, e em especial da educação agrícola, indica a pouca eficácia que têm tido os esforços dispersos realizados para superar o problema. Esta situação só se resolverá quando se adotarem estratégias de conjunto e que sejam resultado de decisões políticas que enfoquem a educação agrícola como um dos instrumentos para superar o subdesenvolvimento rural.

Assim, dentro da estratégia de ação, os centros formadores de profissionais de ciências agrárias devem dar a este profissional um melhor conhecimento do setor agrícola, obtido através de diagnósticos mais detalhados do comportamento da agricultura, de suas raízes históricas, dos relacionamentos das diversas variáveis envolvidas e a melhor interpretação das relações de produção, tanto técnicas quanto sociais. É importante formar profissionais conscientes de que a agricultura é um processo através do qual o homem transforma a natureza. É uma situação dinâmica, razão pela qual o esforço de interpretação da realidade tem de ser contínuo para que esteja sempre atualizado.

O processo educativo de formação de profissionais de ciências agrárias deve ter como objetivo educacional a síntese de um profissional com capacidade para, efetivamente, mudar a sociedade campesina, dentro dos seguintes objetivos: a) sociais - transformação das relações entre os homens e com o meio ambiente, para conseguir uma modifi

cação da realidade para melhor; b) econômicos - aumentar a produção e a produtividade da lavoura e pecuária, com vistas a obtenção de renda; c) políticos - possibilitar a participação consciente e ativa nas decisões comunitárias e nacionais; d) culturais - contribuir para o enriquecimento da cultura regional e nacional; e) ecológicos - contribuir para a proteção dos recursos naturais e do meio ambiente.

Assim considerando, cessa a formação de profissionais apenas para o setor da agricultura do tipo comercial, não obstante ser esta reconhecidamente importante, principalmente como geradora de divisas, mas que, no entanto, não se constitui alternativa única para promover-se o desenvolvimento rural. O processo educativo também envolveria, no mesmo homem, a capacidade para atender à agricultura de baixa renda. Para tanto é necessário proporcionar ao profissional em formação oportunidade de conhecer a realidade rural em que deverá exercer sua profissão. Vivendo em países em desenvolvimento, os profissionais em formação defrontam-se com o dualismo caracterizado pela co-existência de uma agricultura comercial empresarial com outra tradicional e de subsistência. Deverão então entender que cada tipo de agricultura necessita de tratamento diferenciado. Assim, o profissional terá que atuar de acordo com as características econômicas e sociais em que a unidade produtora se desenvolve. Para tanto, deverá saber partir do estudo das práticas agrícolas utilizadas e tentar a melhoria gradativa, unindo a capacidade dos modernos sistemas sintetizados pela pesquisa e desenvolvimento experimental e o conhecimento do meio ambiente e das sociedades tradicionais, para enfrentar os problemas técnicos do desenvolvimento. Assim, poder-se-á esperar que os profissionais de ciências agrárias possam melhor contribuir para a transformação dos processos de produção agropecuária e, como tal, para o incremento do desenvolvimento rural. As instituições universitárias formadoras de técnicos devem então estar conscientes que o profissional formado deve abranger, em um todo coerente, uma capacitação técnica que compreende a habilitação para o exercício de um trabalho específico, com forte formação acadêmica, conhecedor dos princípios teóricos e aplicações práticas da ciência e da tecnologia em produção agropecuária, bem como uma capacidade social, humanística, que o permita analisar criticamente a sociedade, a fim de que a capacitação técnica possa efetivamente contribuir para a plena realização das potencialidades humanas, ou seja, para as transformações sociais que a realidade reclama.

As instituições universitárias necessitam, pois, formar profissionais para uma agricultura real e para uma agricultura ideal. Para

tanto há que se desencadear um processo de mutação organizacional que se inicie dentro da própria universidade. Há que rever currículos, adaptá-los à realidade da agricultura em cada país, para tanto sendo ouvido também o setor produtivo, ou seja, o mercado de trabalho que absorve o profissional egresso da universidade. Há que evitar a proliferação de cursos de ciências agrárias, principalmente de escolas fora do meio rural, muitas vezes imposta por injunções políticas. É preciso ademais promover a integração total entre os sub-setores da educação, pesquisa, extensão e produção agropecuária e vinculá-los à solução dos problemas reais que enfrentam as comunidades.

Por outro lado, há de convir que do processo educativo depende rá grandemente o êxito da formação profissional. Assim, paralelamente a readequação dos "currícula" é preciso promover uma efetiva ação de orientação vocacional. No tocante, é recomendável que o estudante, desde seu ingresso na universidade se identifique com o meio rural e com a situação do campesinato, de modo a ter um conhecimento básico e uma visão concreta do meio em que deverá trabalhar, assegurando-se assim a validade de sua aptidão profissional.

Aceitando o pressuposto de que a realidade do meio rural se modifica com o tempo, o profissional de ciências agrárias deve estar consciente de que deve buscar uma aprendizagem constante. É pois necessário continuar aprendendo, já que o adestramento profissional não pode ser adquirido temporariamente na escola e durar o resto da vida. É pois recomendável que os centros formadores de profissionais de ciências agrárias promovam cursos de atualização permanentes para os egressos, como também para os docentes, a fim de torná-los conhecedores da vigente realidade do meio rural, de modo a que se processem mudanças de comportamento, tornando-os hábeis como agentes promotores do desenvolvimento rural.

É conveniente e sobretudo recomendável a ação efetiva das universidades na elaboração dos planos e programas do desenvolvimento agrícola e rural dos países da América Latina, sendo para tanto necessário que as instituições universitárias criem espaços e efetivamente os ocupem, devendo ser respeitadas como templo do saber e do fazer, a fim de poderem contribuir de modo efetivo para o desenvolvimento rural.

Como geradoras de novos conhecimentos e de tecnologia, os centros de ciências agrárias devem promover uma pesquisa que se realize como instrumento do desenvolvimento econômico e social, objetivando a produção de informações que possibilitem promover mudanças no processo e nas relações sociais de produção, com o fim de apoiar as políti-

cas e metas agropecuárias do desenvolvimento. Os problemas, objetos de estudo dos docentes-pesquisadores, devem surgir da análise e interpretação da realidade global sobre a qual ter-se-á de atuar.

No que se refere à extensão, poder-se-á criar programas de trabalho direto com as comunidades campestres, criando-se fazendas-escolas no meio rural, onde alunos e professores possam conviver com os produtores, utilizando-se assim a educação como meio para atingir a mudança do comportamento do homem-do-campo e, conseqüentemente, da unidade familiar a que pertence e que ainda é a principal produtora de alimentos e outros bens de consumo, de modo a despertar-lhe o espírito associativista comunitário, a fim de aumentar-lhe as oportunidades de crescimento tecnológico e sócio-econômico, com vistas ao desenvolvimento rural.

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A superação do subdesenvolvimento rural dos países da América Latina, que permita atingir um nível tanto quanto possível igualitário de bem-estar social, torna-se a cada dia mais urgente. Daí a preocupação de encontrar meios que possibilitem eliminar as situações de miséria, subconsumo e marginalização causadas por um avançado processo de segregação social, e incompatíveis com a evolução cultural da humanidade e as possibilidades contemporâneas ofertadas pelo conhecimento científico-tecnológico. O fato de competir à agricultura proporcionar os incrementos de produção para atender crescimento de demanda decorrente do aumento populacional e da necessidade de propiciar matérias-primas para a indústria e excedentes para exportação, determina um papel decisivo ao setor agro-silvo-pastoril dos países da Latino-América no drama do desenvolvimento rural destes países.

No processo de superação do subdesenvolvimento, a teorização de idéias inalcançáveis deve ser substituída pelas soluções pragmáticas determinadas por nova estratégia baseada na própria realidade de cada país, o que determina a existência de recursos humanos, em quantidade e sobretudo em qualidade, capazes de aplicar seus conhecimentos e habilidades na solução dos problemas não só agrônômicos, mas também sócio-econômicos. Neste contexto, a educação agrícola desempenha importante papel como agente propulsora do desenvolvimento rural, ao ser elemento primordial que possibilita a formação de recursos humanos qualificados para a transformação do setor agro-silvo-pastoril em adequado instrumento com vistas ao crescimento sócio-econômico da população rural.

Há de convir, porém, que no estado atual é necessário formar um profissional diferente, com um novo enfoque, com capacidade intelectual e profissional de mudar os rumos do ensino, da pesquisa, da extensão, do planejamento, da assistência técnica e creditícia, enfim, que tenha a capacidade de conhecer e aplicar um novo modelo de desenvolvimento rural.

Ressalte-se, pois, a importância da educação agrícola superior. Assim, os centros de formação de profissionais de ciências agrárias devem criar espaços e ocupá-los na comunidade técnico-científico-cultural, de modo a serem respeitados como templos do saber e do fazer, a fim de poderem contribuir de modo efetivo para o desenvolvimento rural. Para tanto necessitam ser melhor estruturados administrativamente; rever seus objetivos educacionais frente à realidade, bem como suas programações de ensino, pesquisa e extensão, renovando seu aparato metodológico no processo ensino-aprendizagem.

Por fim, deve-se entender que a educação agrícola superior deve atender aos propósitos de uma educação libertadora, que leve ao diálogo, à criatividade e à compreensão de todos os aspectos da vida integral das comunidades rurais dos países da América Latina, constituindo-se uma inversão econômica e social, cujos resultados devem ser esperados a curto prazo, já que beneficia o homem que está em plena capacidade de produzir economicamente e de participar ativamente no processo de mudanças sociais, contribuindo para o desenvolvimento rural dos países da América Latina.

S U M M A R Y

The complete success of models for rural development is the dependence of human resources, mainly at the university level. This distinguishes the importance of the development of agrarian sciences professionals as agents of action and changes in the rural area of the Latin American Countries. In particular for Brazil, the agricultural higher education has a relevant role in the development of experts capable of changing the agriculture in undertaking ecologically stable, economically lucrative and socially just.

The rural development of Latin American Countries must be considered as a process of application of adequate measures to use better the natural and human resources, that answer to the requirements of reaching the best economical efficiency as the means for having social justice. A big problem for reaching the rural economical and social development is to identify the type of education that must be offered, apt to synthesize a new man.

Such education should not constitute a divergence between technology and humanism, but complementary parts towards a new humanism that integrates as a coherent whole, the culture, scientific and technological formation besides a social and economical application.

The agrarian sciences, professional will have to be an agent of changes who will act in many sectors of the society, facing and having to adapt him self to action in social levels, from the rural society to the higher organizational structures of the government being necessary to the professional technological knowledge humanistic culture.

What type of professional is necessary to form? The answer requires adequate study that covers from the government interests to the personal interests of those who work in rural society in Brazil, the subject was widely discussed, and it was concluded that the formation must be opened, not finished, in other words, a professional trainable for any function.

A seminar held in Viçosa, in 1982, concluded that it must be formed the professional for the work, not the job. It was also concluded that the professional must have a generic formation, with a solid knowledge in the basic sciences and emphasis in the areas

of social knowledge, in order to make his professional work broader and to increase the options of jobs.

It should be pointed out the need for a continuous and permanent dialogue of the expert with the producer in order to create in the agriculture, a professional nucleus with a new vision of the agricultural reality, and specially of the role of the rural producer in the process of the change of that reality.

The educational process for the agrarian professional must have the goal of forming a professional apt to change the rural society, according to social, economical, political cultural and ecological objectives.

It is necessary to stop the formation of professionals only for the profitable sector of the agriculture, and the educational process should built, in the same man, the capacity to support the low profit agriculture, allowing to the professional the opportunity to know the rural reality where he must do his work.

The rural development of the Latin American Countries becomes every day more urgent in order to find the means to eliminate their poverty, the sub consumption standards and marginal conditions, incompatible in the humanity cultural evolution and the scientific and techonological development.

The role of the agricultural education is important to push the rural development and is must observ the goals of a liberating education, that leads to the dialogue, to the critic reasoning, and to the understanding of all aspects of the whole life of the rural communities of the Latin American Countries.

6 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 - ARAÚJO, José Emílio G. El planeamiento de la reforma agraria; instrumento que racionaliza la política del desarrollo rural. Desarrollo Rural en Las Americas, 3(1):27-38, ene./abr., 1971.
- 2 - BELTRÁNS, Luís Ramiro. La "revolución verde" y el desarrollo rural latinoamericano; la abundancia como privilegio de las minorías o la herramienta para construir una sociedade más justa? Desarrollo Rural en las Americas, 3(1):5-26, ene./abr., 1971.
- 3 - COLOMBIA en busca de una política educativa de campesinos adultos; recomendación de un seminario nacional. Desarrollo Rural en las Americas, 3(1): 67-72, ene./abr., 1971.
- 4 - FAO. La enseñanza agronómica enfrentada al desafío del desarrollo rural. Santiago, Oficina Regional de la FAO para America Latina y el Caribe, 1985. 26p. (FAO. Desarrollo Rural, 1).
- 5 - LIBONATI, Virgilio F. O ensino agrícola e suas relações com os grandes projetos e o desenvolvimento da Amazônia. IN: REUNIÃO ANUAL DA ABEAS, 26: Belém, 1986. Anais, Brasília, ABEAS, 1987. p. 30-5.
- 6 - LIBONATI, Virgilio F. Universo amazônico. Belém, FCAP. Serviço de Documentação e Informação, 1985. p. 13-6.
- 7 - MÚRCIA, C. Hector. El papel de la educación y del profesional agropecuario dentro de los procesos de desarrollo rural en América Latina. IN: SEMINÁRIO SOBRE REVISÃO DE CURRÍCULOS DO ENSINO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS NA AMÉRICA LATINA, 1982. Anais, Viçosa, Universidade Federal, 1982. p. 7-26.
- 8 - SCHLOTTFELDT, Carlos Social. Educación agrícola superior - facultad y postgraduación. IN: REUNION DE RECTORES, DECANOS Y DIRECTORES DE UNIVERSIDADES, FACULTADES Y ESCUELAS DA AGRONOMIA DEL TROPICO AMERICANO, 1., Belém, 1971. Informe. Rio de Janeiro, Programa cooperativo para el desarrollo del Trópico Americano, 1971.

- 9 - SILVA, Paulo Roberto da. A reforma do ensino de engenharia agrônômica no Brasil: o papel da sociedade na qualidade na formação profissional. IN: CONGRESSO PANAMERICANO ENSEÑANZA DE INGENIERIA, 12., Guatemala, 22 a 29 de agosto de 1986. Guatemala, 1986. 37p.

IMPRESSÃO
Setor de Produção Gráfica
Serviço de Documentação e Informação
FACULDADE DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS DO PARÁ

FACULDADE DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS DO PARÁ

BIBLIOTECA